



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Ana Sabrina Araújo Meneses

MANDALANDO MEMÓRIAS CAMPONESAS: buscando caminhos d'água e da
saúde integral a partir de práticas participativas agroecológicas no Sertão de Crateús
- Ceará

Recife, PE

2024

Ana Sabrina Araújo Meneses

MANDALANDO MEMÓRIAS CAMPONESAS: buscando caminhos d'água e da
saúde integral a partir de práticas participativas agroecológicas no Sertão de Crateús
- Ceará

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Memorial submetido ao curso de Bacharelado em
Agroecologia da Universidade Federal Rural de
Pernambuco como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharela em Agroecologia

Orientador: Angelo Giuseppe Chaves Alves

Recife, PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A532m Meneses, Ana Sabrina Araújo
MANDALANDO MEMÓRIAS CAMPONESAS: : buscando caminhos d'água e da saúde integral a partir de práticas participativas agroecológicas no Sertão de Crateús - Ceará / Ana Sabrina Araújo Meneses. - 2024.
57 f. : il.
Orientador: Angelo Giuseppe Chaves Alves.
Inclui referências.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, , Recife, 2024.
1. Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM. 2. Saúde integral em agroecologia. 3. Feminismo . I. Alves, Angelo Giuseppe Chaves, orient. II. Título

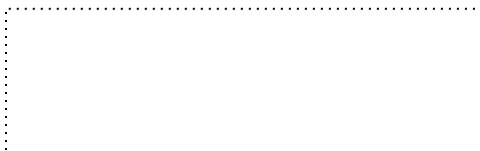
CDD

Ana Sabrina Araújo Meneses

MANDALANDO MEMÓRIAS CAMPONESAS: buscando caminhos d'água e da saúde integral a partir de práticas participativas agroecológicas no Sertão de Crateús
- Ceará

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovada em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 05 de março de 2024



Coordenação do Curso

Banca examinadora



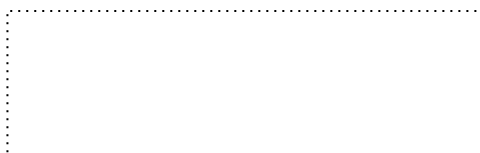
Prof. Angelo Giuseppe Chaves Alves, Dr.

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE



Profa. Maria Virgínia de Almeida Aguiar, Dra.

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE



Profa. Flávia Mendes de Andrade e Peres

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Recife-PE, 2024.

Dedico este trabalho à espiritualidade originária que move a minha existência, aos meus ancestrais, aos que vieram antes, meus avós Genoveva e José Domingos, Raimunda e Antonio, e aos que vêm depois de mim.

AGRADECIMENTOS

Compreendendo a gratidão como dádiva de reconhecimento dos esforços e apoios que recebi nesta minha trajetória, gostaria de mencionar aquelas pessoas e instituições que de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, ajudando-me na superação dos desafios e dificuldades e dando suporte para que a caminhada fosse mais leve, com coragem, amor e um espírito saudável.

Agradeço ao Deus vivo que se manifesta através de mim e dessas pessoas: meu pai Antonio Anchieta Meneses Santos e minha mãe Antonia Maria de Araújo Santos, que me incentivaram a entrar nesse curso. A Soraya Cindcy Araújo Meneses, minha irmã mais velha, que caminhou comigo nesta jornada, na mesma turma, dividindo todas as alegrias e dores que só com ela compartilhei. A minha irmã Samanta Karen Araújo Meneses, que passou muito tempo sozinha, para cuidar da casa quando saímos, apoiou a realização das minhas atividades no território, bem como me fez vivenciar este processo com alegria. Alexandre Merrem, que me acolheu com a morada do coração, abrindo as portas da sua casa para a minha permanência em Recife e também me ajudando em muitas das minhas atividades dentro e fora do curso.

Agradeço ao meu tio José de Araújo Barros e ao meu primo Francisco Mateus Cruz dos Santos, pois estes colaboraram muitas vezes cuidando do nosso etnoagroecossistema, quando precisamos sair para estudar e trabalhar. Aos meus primos Pedro Leonardo Rodrigues Araújo, Pedro Wdson Rodrigues Araújo, e Pedro Domingos Neto Rodrigues Araújo, por me ensinaram reconhecer minhas raízes e a importância de escolher esse curso como camponesa.

Agradeço a todas as minhas amigas e amigos, aos jovens integrantes do Coletivo Arteando, que, desde a “comemoração de envio” (momento de festejar e celebrar a partida de uma pessoa para uma missão, uma nova jornada pessoal) que fizeram na nossa saída até hoje, colaboraram para que seguíssemos estes caminhos até aqui. À comunidade Santa Luzia, à Escola Família Agrícola Dom Fragoso, à Pastoral da Juventude Rural, à Comissão Pastoral da Terra, à Cáritas Diocesana de Crateús, ao Instituto Bem Viver, ao Movimento pela Soberania Popular na Mineração e a todos/as que compõem estes espaços e me ensinaram sobre pertencer a um território, a uma comunidade, pessoas que acreditam no poder de se viver em coletivo e na força da juventude camponesa em toda sua diversidade.

Agradeço também ao grupo do território das Sertanejas, coletivo de mulheres com quem realizei boa parte das atividades do curso, entre discussões e afetos, nos comprometemos ser apoio uma a outra para chegar juntas no fim dessa jornada. Agradeço a todos e todas as colegas e amigos/as que fizeram parte desses oito períodos de curso, mas também àqueles que não chegaram até aqui, e de alguma forma, deixaram sua marca em minha vida.

Ao Coletivo de docentes que faz este curso ser possível. Tenho um carinho por cada um e cada uma, que se comprometem com a luta pelo Bem Viver, acreditam nos/as camponeses/as e promovem o empoderamento a todos os povos através da educação popular em uma universidade pública e tem buscado um novo mundo e nos apresentam a construção do conhecimento em Agroecologia como o caminho possível. Agradeço em especial ao Angelo, que além de professor e orientador, foi um amigo que apresentou uma outra forma de ver o mundo a partir de experiências que me reconectam com a Terra.

“mais sentia como se meu corpo vibrasse, em movimento, pedindo para parir, como a terra úmida parece pedir para ser semeada; e se não fosse semeada, a natureza faz ela mesmo seu cultivo, dando a capoeira, o maracujá da caatinga e folhas de toda sorte para curar os males do corpo e do espírito.” (VIEIRA JR, 2019, p. 105)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar minha trajetória acadêmica e como ela foi construída a partir da alternância entre a universidade e o território onde vivo. Resgatei as memórias camponesas em forma de mandala do tempo, entendendo que foi um processo circular e não linear, apresentando momentos marcantes da minha vida. Analisando este período com os caminhos das águas vivenciados pela minha família no sertão, trago as relações na construção da Agroecologia a partir do pertencimento com a Terra, a vida em comunidade, ao enfrentamento aos projetos do modelo mineral, aos cuidados com a saúde a partir de práticas integrativas, das plantas medicinais e o resgate do autoconhecimento feminino como ferramenta de cura para ação no mundo, resultando em redesenhos sustentáveis dos etnoagroecossistemas e no modo de vida camponês/a. Usei como metodologias: releitura dos relatórios, dos mapas, desenhos, textos utilizados e selecionei as temáticas que mais me chamaram a atenção para conduzir minha escrita. Diante das reflexões e aprendizados, concluo e afirmo a minha importante missão como educadora em Agroecologia na colaboração do empoderamento dos povos do campo, a partir de metodologias criativas e participativas.

Palavras-chave: Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM, saúde integral em agroecologia, feminismo.

ABSTRACT

This work aims to present my academic trajectory and how it was built from alternating between the university and the territory where I live. I rescued peasant memories in the form of a mandala of time, presenting memorable moments from my life. Analyzing this period with the water paths experienced by my family in the backlands, I bring the relationships in the construction of Agroecology based on belonging to the Earth, community life, facing mineral model projects, health care based on integrative practices, medicinal plants and the rescue of female self-knowledge as a healing tool for action in the world, resulting in sustainable redesigns of ethnoagroecosystems and the peasant way of life. I used the following methodologies: rereading the reports, maps, drawings, texts used and selected the themes that most caught my attention to guide my writing. Given the reflections and learnings, I conclude and affirm my important mission as an educator in Agroecology in the collaboration of empowering rural people, based on creative, participatory methodologies and an act of love that revolutionizes.

Keywords: Movement for Popular Sovereignty in Mining - MAM, integral health in agroecology, feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro da primeira cisterna da família	18
Figura 2 – Desenho do Eu Camponesa no 1º período do curso.....	21
Figura 3 – Mapa do Território Sertão de Crateús	21
Figura 4 – Mandala do Tempo.....	22
Figura 5 – Mandala do Tempo	25
Figura 6 – Formação sobre Feminismo durante o estágio na ENFF	25
Figura 7 – Mediação da Formação sobre Cultura	26
Figura 8 – Mandala do Tempo	29
Figura 9 – Realização das ferramentas de DRPs com a família	33
Figura 10 – Atividade de Planejamento do SAF com o Coletivo Arteando.....	35
Figura 11 – Prática de implantação do SAF	35
Figura 12 – Diversidade de frutos colhidos do quintal.....	37
Figura 13 – Mandala do Tempo	38
Figura 14 – Atividade com a Família sobre uso das plantas medicinais	39
Figura 15 – Roda de Terapia Comunitária com educadores.....	41
Figura 16 – Vivência do estágio sobre Plantas Medicinais com a Juventude	42
Figura 17 – Mandala do Tempo	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PJR	Pastoral da Juventude Rural
MST	Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra
AEFAI	Associação Escola Família Agrícola de Independência
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EFA	Escola Família Agrícola Dom Fragoso
MAM	Movimento pela Soberania Popular na Mineração
PDHC	Projeto Dom Helder Câmara
CAR	Cadastro Ambiental Rural
BACEP	Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
PIAJ	Programa Infância Adolescência e Juventude
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
ENFF	Escola Nacional Florestan Fernandes
FOFA	Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças
DRPs	Diagnóstico Rural Participativo
SAF	Sistema Agroflorestal
PLE	Período Letivo Excepcional
TQR	Trabalho Que Reconecta
P1MC	Programa Um Milhão de Cisternas
P1+2	Programa Uma Terra e Duas Águas

SUMÁRIO

1	ABRINDO OS CAMINHOS.....	144
2	BUSCANDO CAMINHOS D'ÁGUA.....	17
2.1	O caminho da terra e do território	18
2.2	Ameaça ao território: um descaminho?.....	23
2.3	Caminhos alternativos de apropriação da natureza	27
2.4	O caminho de volta para a ancestralidade	37
2.5	O caminho de volta para o ventre e para a própria identidade.....	42
3	A CAMINHADA CONTINUA	52
	REFERÊNCIAS	56

1. ABRINDO OS CAMINHOS

Eu sou Ana Sabrina Araújo Meneses, bisneta de Ana, Maria, Francisca, Adelino, Aurélio, Francisco e Vicente. Neta de Genoveva, Raimunda, José Domingos e Antonio. Sou filha de Antonia Maria Araújo e de Antonio Anchieta Meneses Santos, irmã de Soraya Cindcy Araújo Meneses e Samanda Karen Araújo Meneses. Vivo em uma comunidade chamada Santa Luzia. Os moradores de Santa Luzia subdividiram a comunidade em quatro lugares, caracterizando estes espaços com nomes que fazem referência ao nome das famílias, a paisagem e outros aspectos. Nessa divisão, eu por exemplo, moro no “**Outro Lado**”.

E é nesse **Outro Lado**, desta comunidade camponesa, no município de Independência, sertão de Crateús no Ceará, que vivo há 23 anos, ouvindo histórias dos meus pais, avós, bisavós que também nasceram e se criaram no **Outro Lado**. É a partir deste **Outro Lado**, que me afirmo hoje como jovem mulher, camponesa do sertão, originária da caatinga, bordadeira e costureira, escrevendo sobre este território onde atuei e estudei no Bacharelado em Agroecologia.

Faço parte do Conselho Pastoral Comunitário de Santa Luzia e do grupo de jovens da minha região, denominado Coletivo Arteando. Sou também integrante da coordenação diocesana da Pastoral da Juventude Rural (PJR), faço parte da diretoria da Associação Escola Família Agrícola de Independência (AEFAI). Sou militante do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), no coletivo de mulheres.

O que me levou a integrar todos esses coletivos, foi minha participação desde criança na vida da comunidade, quando minha mãe me levava para participar das ações da igreja, para as reuniões da associação, do consórcio comunitário, as reuniões e ações do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC). Meu histórico escolar foi iniciando na primeira fase do Ensino Fundamental, na escola Manoel Nascimento Araújo na comunidade Santa Luzia. Posteriormente cursei a segunda fase do Ensino Fundamental na escola Simão Jorge Siriano, no distrito de Iapi e o Ensino Médio na Escola Família Agrícola (EFA) Dom Frágoso, que fica na comunidade Santa Cruz, em Independência. A EFA é uma escola com educação contextualizada, a partir da pedagogia da alternância, é fruto da luta dos agricultores e agricultoras do Sertão que buscaram uma educação melhor para seus filhos e filhas. A escola é fruto de um desejo comunitário e por isso é voltada para jovens camponeses e familiares.

Particpei vários anos como feirante na barraca da EFA, durante a Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária nos municípios Crateús e Inhamuns

e lá conheci a instituição Cáritas¹. Através da minha formação como técnica em agropecuária na EFA, atuei fazendo o Cadastro Ambiental Rural (CAR). Depois atuei como jovem mobilizadora no Programa Infância Adolescência e Juventude (PIAJ) pela Cáritas Diocesana de Crateús, articulando jovens no sertão de Crateús e Inhamuns e também na Rede de Juventudes do Ceará.

Foi através dessa minha trajetória de atuação no território e das relações nesses movimentos que conheci o Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular (BACEP) e iniciei minha primeira graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), vendo nesse curso a possibilidade de continuar seguindo caminhos de estudos que mais me aproximavam do contexto da minha região, de transformação participativa e coletiva da realidade em busca do Bem Viver, que segundo Calvacanti *et al.* (2021), de maneira resumida, é um termo de origem indígena, que coloca a luta dos movimentos sociais como direcionada para construir uma realidade que proporciona felicidade e prazer.

Passo a relatar o que me levou a fazer este curso e o que foi vivenciado nele, agora não mais apenas na memória desta camponesa, mas também neste memorial, que tem como objetivo sistematizar as experiências que mais marcaram a minha trajetória acadêmica. Ou seja, resgato aqui os acontecimentos, ações, leituras, estudos, lugares, pessoas, organizações envolvidas nas vivências no período de agosto de 2019 a março de 2024. Usei como metodologias: releitura dos relatórios, dos mapas, desenhos, textos utilizados; selecionei as temáticas que mais me chamaram a atenção para conduzir minha escrita e as sistematizei em forma de mandala do tempo, interligando os caminhos que escolhi percorrer dentro e fora do curso.

Contar a história de uma jovem mulher camponesa e originária da caatinga, na academia, é contar a partir de um centro, de um miolo. É expor com cores, as ideias e linhas desta poética navegação. Mandala, significa em sânscrito “círculo” ou “plenitude” e simboliza o divino espírito do universo (RAMOS, 2006, p.05). A mandala, em resumo, é antes de tudo uma imagem sintética do dualismo entre diferenciação e unificação, variedade e unidade, exterioridade e interioridade, diversidade e concentração. (RAMOS, 2006, p.13)

¹ Cáritas é uma organização não governamental, ligada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que trabalha a partir da incidência pastoral, da construção solidária nos territórios em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

A mandala tem o poder de canalizar o desconhecido e significa espiritualidade e diversidade. Escolho a mandala porque esse período do curso não foi linear. Simboliza a tessitura de relações, pessoas que me rodeiam e me apoiaram. Estar no BACEP, foi um mundo de grandes descobertas do desconhecido e trazer a energia da mandala aqui, significa fazer presente até aquilo que não compreendi e sistematizei em letras. É a transição de mais um ciclo. Tudo está relacionado, como em uma mandala, unindo toda essa experiência vivida no curso em circulação, sem a necessidade de um começo e de um fim. É assim que simbolizo meu percurso no BACEP. Foi no curso que aprendi a ver a vida a partir de uma dimensão circular e cíclica, a partir de relações horizontais e não hierarquizadas. À luz do que o educador Alexandre Merrem apresenta em seus trabalhos e formações sobre a mandala, ela representa o todo, estimula diferentes olhares sobre o que foi construído, além de representar um recurso participativo pedagógico.

Fazendo o resgate desse tempo, organizei o texto da seguinte forma: *Buscando caminhos d'água*: onde analiso essa trajetória com o percurso das águas, que tem relações com a nossa vida no sertão, com a ciclicidade, fluidez, movimentos constantes, emoções e sentires do nosso interior. Caracterizei estes caminhos como: *O caminho da terra e do território*, destacando temas como visão sistêmica da natureza em movimento, território e territorialidade; *Ameaça ao território: um descaminho?* apresentando relações entre os temas modos de apropriação da natureza, racionalidade camponesa, manejo e redesenhos de etnoagroecossistemas, alimentação e sociedade; *O caminho de volta para a ancestralidade, para o ventre, para a própria identidade*, onde relaciono com os aprendizados sobre as plantas e os porquês, saberes e práticas das plantas medicinais e o feminismo. Em cada caminho, apresento em forma de mandala as memórias desse tempo percorrido, trazendo os anos e principais ações, entendendo que este período não foi linear.

2. BUSCANDO CAMINHOS D'ÁGUA

Onde quer que a Água apareça, ela tende a tomar uma forma esférica. Ela abarca toda a esfera da terra, cobrindo cada objeto com uma fina película. Caindo como uma gota, a água oscila na forma de uma esfera (...). Uma esfera é uma totalidade, um todo, e a água tenta sempre formar um todo orgânico ao juntar o que está dividido, unindo-o em circulação. Não é possível determinar o começo ou o fim de um sistema circulatório; tudo está relacionado internamente e conectado reciprocamente. (SCHWENK, apud KAPLAN, 2005: p. 45)

Como estas descrições citadas anteriormente, como gota oscilando entre começos e recomeços, me vi água. Nesse mergulho intenso como autora e sujeita desse estudo, vejo nesse processo circular, a água. Me vi inúmeras vezes como uma gota de água, compondo um todo maior e mais complexo, fluindo e circulando por várias nascentes, rios, lagos e mares. A água é a fonte e a origem da vida. É purificação e transformação. É fertilidade e limpeza. É sonho! Ver-me como água, é compreender a ciclicidade. Tudo está conectado reciprocamente.

Nesta memória de águas, me recordo de um som no pé do ouvido: “Sabrina, bora ali buscar um ‘camim d’água””, quantas vezes ouvi minha avó, minha mãe, minhas irmãs dizendo esta frase. O “camim d’água”, é uma frase utilizada pelas camponesas da comunidade para se referir à ação de sair de casa para buscar água na fontes e reservatórios existentes nas proximidades. Cada processo de ida e volta, equivale a um caminho d’água. Então, todos os dias era preciso ir buscar um, dois ou mais “caminhos d’água” até juntar a quantidade de água suficiente para atividades diárias.

Pegava o balde, a rudia², colocava uma blusa de manga longa para me proteger do excesso de luz solar e seguíamos, para o cacimbão³, para o açude, para os poços, para os riachos, buscar um, dois, três e quantos “camim d’água” fossem necessários para ter água em casa. Eu comecei a fazer isso com uns sete anos de idade. No inverno era mais tranquilo pois, a cada chuva que ocorria, colocávamos baldes ao redor da casa inteira para captar o que caía do telhado. Já no verão, era mais intenso, pois a água ia ficando escassa, difícil, evaporava rápido, o calor e a sede aumentavam, mas estávamos lá, enrolando a rudia, colocando na cabeça para diminuir o impacto do peso do balde.

² Rudia, é um pedaço de pano, utilizado pelas mulheres camponesas para forrar a cabeça e diminuir o impacto do peso do balde e/ou bacia ao carregar água, roupas, etc.

³ Cacimbão é um poço fundo, uma fonte de água onde os agricultores/as buscam água para as atividades do dia a dia.

Tivemos que carregar água várias vezes, ia e voltava até encher todas as vasilhas, até meu avô encanar água do seu cacimbão para a casa dele, até a cisterna de primeira água⁴ chegar em nosso terreiro, até a cisterna de segunda água⁵ chegar no quintal, até nosso primo cavar um poço artesiano e encanarmos água para mais perto de casa, até instalarem o sistema da adutora⁶ na comunidade.

Figura 1 – Registro da primeira cisterna da família



Fonte: Autora,

Esta foto (Figura 01) representa estes profundos caminhos d'água, desde que o último caso aconteceu, continuei e continuo carregando baldes de água nos caminhos rumo às fontes. A fonte agora é outra. Desta vez, pegarei todas as rudias usadas para forrar a cabeça e diminuir o impacto do peso do balde, para construir o conhecimento agroecológico, analisando, quantos baldes foram e quantos mais serão necessários carregar, para alcançarmos o Bem Viver neste Semiárido.

2.1 O caminho da terra e do território

Aprofunda-te na matéria! Abre os teus sentidos! Tenta perceber as formas dadas pela própria natureza! E tu chegarás a criar laços mais íntimos com ela. Isto acarretará mais sensibilidade nos tratamentos, nas relações com nossos irmãos (seres vivos) no campo e na floresta, bem como nas relações entre os seres humanos. Assim, a agricultura voltará a ser o que ela era, no sentido da palavra: cultura. Uma tentativa culta de conseguir o necessário daquilo que precisamos para nos alimentarmos, além das outras matérias primas essenciais para nossa vida, sem a necessidade de diminuir e empobrecer a vida no lugar, na terra. Isto implica em considerarmos um gasto mínimo de energia, onde não cabe maquinaria pesada, agrotóxicos, fertilizantes químicos e outros adubos, trazidos de fora do sistema. (GÖTSCH, 1997: p. 05)

⁴ A cisterna de primeira água, são tecnologias de captação da água da chuva que cai no telhado, sua água sendo utilizada principalmente para beber e cozinhar. No semiárido as famílias adquirem através do Programa Um Milhão de Cisternas – P1MC.

⁵ A cisterna de segunda água, se refere a captação e armazenamento da água da chuva destinada a produção e criação de animais. Faz parte do Programa Uma Terra e Duas Águas – P1+2.

⁶ Adutora é um sistema de abastecimento, utilizando encanamentos para conduzir a água do reservatório até as unidades de consumo.

Uso essa citação, de Ernest Götsch, para trazer à tona um dos principais aprendizados que o Bacharelado em Agroecologia resgatou em mim nessa trajetória, o pertencer à Terra, a um todo mais amplo e infinito. Como um chamado a seguir o caminho que conscientemente não conhecia, mas ao rememorar minhas histórias, vem a percepção da consciência que a própria Terra assumiu, em me conduzir e me comunicar com as partes que compõem um todo mais profundo e diverso, o eu. Antes do BACEP, havia distanciado meus sentidos da natureza ao meu redor e da minha própria natureza interior. Nesse resgate, a visão se ampliou, passei a ver o mundo para além do olhar e tudo passou a ser visto como naturezas. Tudo passou a estar em movimento, visível e invisível, a estar interligado, por vezes de forma conflituosa, mas em constantes relações que se transformam o tempo todo. Me recordo no primeiro período quando o professor Ângelo Alves pegava em todos os objetos da sala e dizia, o ar é natureza, essa luz é natureza, o que faz ela chegar aqui é natureza, essa mesa, esse cimento que estamos pisando, as cadeiras, as sementes, o pincel, o *data show*, tudo isso onde estamos é natureza.

Os roteiros de observação das Vivências Realidade-campo, das leituras, das reflexões feitas, sobretudo no primeiro e segundo período, que tiveram como eixo articulador o Conhecer e Diagnosticar o Etnoagroecossistema, foram chaves para aguçar a minha observação nos processos que vivenciei e que são importantes para minha atuação como educadora popular ao conduzir vivências de transformação da realidade bem como ajudar mais pessoas a ver o mundo com a autenticidade da integração.

Neste mesmo sentido Ailton Krenak (2020), comenta em seu texto “O amanhã não está à venda”, quando iniciou a pandemia do Covid-19, no ano de 2020:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmo é natureza. Tudo que eu consigo pensar é Natureza. (KRENAK, 2020: p. 05)

Felizmente, essa consciência veio antes da pandemia. Porque quando iniciou a pandemia, nos isolamos em nossas casas e o mundo entrou em um estado de caos. Mundos vazios, mercados parados, lojas e bancos fechados, um vírus nos encurralou, digo, encurralou a humanidade. Krenak também afirma isso: “o vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os

povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise.” (KRENAK, 2020: p. 04)

Esta reflexão que descreve o que vivenciamos na pandemia veio como um anzol nos puxando para a consciência. É como se a natureza nos mandasse um sinalzinho comunicando: vocês estão me adoecendo, afastem-se de mim. Como uma mãe, que decidisse dar uma lição ao seu filho e dissesse que não estamos cumprindo nossa função enquanto comunidade que ajuda a Terra na sua complexa e diversa estabilidade. Mas sinceramente me pergunto: aprendemos algo? Estamos contribuindo com o retrocesso ou com a mudança e manutenção da Terra como organismo e teia viva? Quem é responsável por tudo isso? Estamos aqui sendo água parada ou água cumprindo com seu processo vivo de movimento?

Furtado, quando analisa a subjetividade social reflete sobre essa relação ser humano e natureza na construção da sociedade: “Há que se considerar que tanto o controle da natureza quanto o controle do comportamento estão mutuamente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria “natureza” do homem.” (FURTADO, 2007: p. 84)

“Corpo, território que me habita. Território que em mim habita”. Nessas frases, tantas compreensões são imagináveis. Era como se eu tivesse me afogado em um sonho e, de repente, um sopro no ouvido me fizesse acordar, abrir os olhos, mostrando que as coisas estavam mais perto de mim, mais presentes. A partir daí, comecei a enxergar o mundo com outras lentes, como a lente do pertencimento. Neste sentido, Furtado (2007) considera que o ser humano por suas características socio-históricas, não nasce pronto, vai aprendendo e construindo sua própria natureza, a partir de novas aptidões e visões psíquicas.

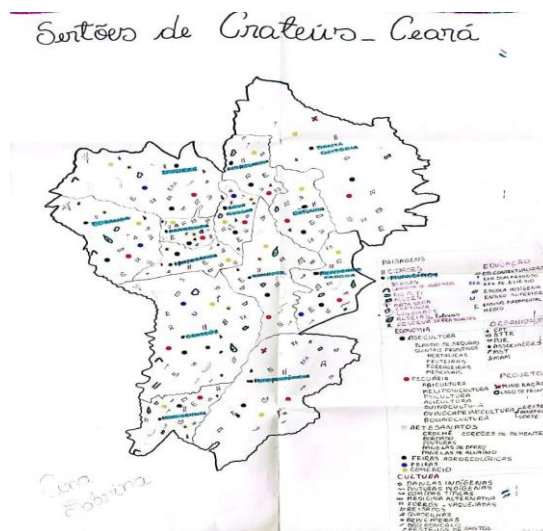
Nos aprendizados de novas visões, durante o curso, realizamos mapas da Eu camponesa (Figura 1), mapas do Sertão de Crateús (Figura 2), e ainda outros mapas do município de Independência, da comunidade Santa Luzia e do etnoagroecossistema familiar. Depois fizemos mapas das mudanças do nosso etnoagroecossistema e mapas mentais para registrar os aprendizados. A seguir alguns desses mapas:

Figura 2 - Desenho da Eu Camponesa no 1º período do curso



Fonte: Autora, 2019

Figura 3 - Mapa do Território Sertão de Crateús



Fonte: Autora, 2019

Pescando as linhas desses mapas, desenhei uma identidade que talvez já habitasse em mim. Pude senti-las em meu mapa corporal. Uma identidade que ia se estabelecendo em mim a cada vivência, a cada mergulho, em cada pesquisa feita para apresentar para os outros e para mim mesma o lugar onde vivo. Parece que quanto mais eu escrevia, desenhava e falava sobre esse território, mais eu o conhecia, mais ele me pertencia e mais eu pertencia a ele. Tem uma frase marcante que a professora Horasa Andrade me apresentou, de que “quando você olha para o território, ele olha pra você de volta”.

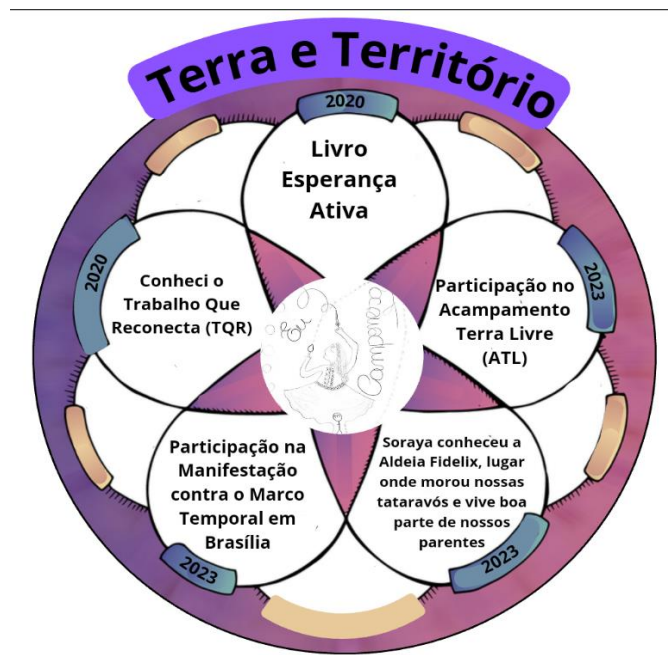
Imagina ter a possibilidade de enxergar o meu território com novos olhos. Quando eu estava na Universidade, me distanciava, mas continuava olhando de longe, procurando outras lentes para melhorar ainda mais a visão. Quando eu voltava para o território, tinha um olhar de dentro, de perto. Foi nas maneiras de observar que

o regime de alternância me provocou, na troca de olhares, que graças ao BACEP e às pessoas que o fazem, que fui capaz de compreender e fazer tantas descobertas das minhas raízes e, cada vez mais afirmar, a eu camponesa e a comunidade de onde venho, fruto desse pertencimento recíproco e consciente, como o rio, que Kaplan descreve:

O rio, o sistema como um todo, estende-se até as montanhas juntamente com inúmeros afluentes que nele deságuam...bem, eles são “ele”, a bem dizer. E esses afluentes têm seus próprios afluentes, até alcançarem, nessa caminhada para trás, suas minas ou fontes. Tudo isso constitui o sistema vivo de um rio. (KAPLAN, 2005, p. 45)

A seguir destaco na mandala (FIGURA 4) do tempo os movimentos que aconteceram nessa trajetória que me possibilitaram acessar a consciência que a Terra assumiu em me ajudar, nessa caminhada para trás, a reconectar com as minas e fontes da minha história na Terra.

Figura 4 – Mandala do Tempo



Fonte: Produzido pela autora, 2024

Relembrar estas experiências da mandala me fez voltar na carta de intenções que escrevemos no primeiro período apresentando aos docentes o que gostaríamos de aprofundar no BACEP e o que iria orientar este trabalho final. Na minha carta, tinha dois interesses, um deles, em um dos trechos, destaco: “seria de enorme interesse para mim, descobrir a história do nosso povo, acho que ainda dá tempo de recuperar nossa história.” Me emociona olhar para este desejo e ver que nesse tempo apresentado na mandala (FIGURA 4), pude seguir caminhos, participar de eventos, conhecer trabalhos e ler escritas que me reconectaram com um território, com um

povo e com histórias que dão sentido a minha existência. Ou seja, reconectar-me com os povos originários dessa Terra, fez-me pertencer a mim de novo.

Essas relações de pertencimento foi fortalecendo a territorialidade para/com o meu lugar. Este conceito de Albagli descreve pontos importantes:

O conceito de territorialidade refere-se, então, às relações entre indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas - uma localidade, uma região ou um país - e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. A noção de comunidade remete a laços mais fortes do que aos de sociedade ou de coletividade. A eventualidade do nascimento, ou da residência, ou laços simplesmente jurídicos não são suficientes para definir o pertencimento a uma comunidade; esta supõe adesão voluntária ou consciência desse pertencimento. A territorialidade é, assim, elemento de coesão social, fomentando sociabilidade e solidariedade; mas pode ser também fonte ou estímulo de hostilidades, ódios e exclusões. (ALBAGLI, 2004, p. 28)

Esse conceito me chama a atenção quando menciona a territorialidade sendo também estímulo de hostilidades, ódios e exclusões, pois aqui entra um ponto central nessa reflexão de se perceber como parte da Terra e compreender as relações saudáveis ou não de apropriação da natureza. Trata-se da disputa pelo direito à terra.

2.2 Ameaça ao território: um descaminho?

Nesses cinco anos, viajando por muitas estradas, sempre preferi a janela do ônibus, pois a paisagem embalava também meus pensamentos. E ressoavam em meus ouvidos, entrando na minha mente e corpo inteiro, as palavras da professora Ednilza Maranhão, lá no primeiro período, quando ela dizia: “observem a paisagem! observem o que elas lhe dizem! O que a paisagem ao seu redor está lhe comunicando?”. Essas perguntas passaram a viajar comigo também, fazendo-me observar o que a natureza nos comunica. Aprender a ouvir as paisagens, foi um exercício que aconteceu de diversas maneiras, pois ouvi a paisagem falar através de bichos e plantas, da terra, da água, do sol, do vento, da lua, do céu, da temperatura, de gente e de mim.

Um exemplo dessa escuta, foi quando vi pela primeira vez em Pernambuco um mundo infinito de campos da cana-de-açúcar, nunca tinha visto tanta. Em 2019, durante a primeira e segunda imersão do BACEP, na Zona da Mata Norte e Mata Sul, tive a oportunidade de conhecer a experiência dos agricultores e agricultoras familiares que conquistaram a terra através da reforma agrária junto ao Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) e retomaram o sentido de se viver em comunidade, de produzir alimentos saudáveis e desfrutar a autonomia que a Terra dá. Na retomada da terra, se retoma a morada, a liberdade e a autonomia

dos camponeses, libertando-os do monocultivo de cana-de-açúcar e da dependência do trabalho injusto e opressor nas usinas canavieiras.

Já quando viajava para Brasília, chegando na região de Goiás, via campos infinitos aos meus olhos de uma mesma cultura, e não via gente, mas via gigantescas máquinas, carros, caminhões, aviões estacionados em meio àqueles campos amarelados de sorgo. Era tanto sorgo, que parecíamos indiferentes àquelas terras onde só uma cultura habitava. Nessa temporada, também tive a oportunidade de viajar de avião, para Brasília, para Recife, para São Paulo, e como grandes cidades que são, grandes impactos me aconteceram, ver tantas luzes iluminando a cidade e sendo capazes de iluminar até o céu, enormes quadrados desenhados das enormes metrópoles, cada pedaço de chão coberto por cimento e asfalto. Fiquei impactada em relação às maneiras que os seres humanos aprenderam a interromper a sucessão ecológica e natural dos ecossistemas, como que sem pensar nos impactos que isso pode causar a vida.

Nesta observação dos diversos modos de apropriação da natureza em diferentes lugares do Brasil, destaco aqui a mineração. Em março de 2020 quando o mundo “parou”, o modelo de mineração no Brasil e no estado do Ceará se intensificou, chegando até nossa comunidade Santa Luzia. Diante desta situação, a juventude da nossa região foi quem mais se preocupou com o que vinha acontecendo. Descobrimos que a mineradora Dapaz tinha chegado e havia visitado todas as casas dos proprietários de terra na Santa Luzia e nas comunidades circunvizinhas pedindo a autorização para realizar pesquisa mineral. Algumas famílias autorizaram e outras não. Esta situação de ameaça foi o início de uma enorme mudança na minha jornada e sobretudo no fortalecimento do compromisso que assumi com meu território.

Deste dia em diante a companhia mineradora não parou de andar na comunidade, de fazer suas pesquisas e coletas às escondidas, ameaçando e intrigando as famílias, com conversas mentirosas e com drones mapeando a comunidade. Com isso, nós, eu e o Coletivo Arteando, fizemos nosso caminho e procuramos o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), e entre formações, assembleias, audiências e participação em outros movimentos correlatos, fomos conquistando um espaço de luta em defesa de territórios livres de mineração. Na mandala a seguir (FIGURA 5) apresento alguns dos movimentos que vivenciei e refleti, em busca de compreender e estudar sobre esse assunto e realidade que é algo novo para nosso território.

Figura 5 - Mandala do Tempo



Fonte: Produzido pela autora, 2024

Esses acontecimentos me fizeram escolher e decidir fazer meu estágio na Escola de Formação do MAM, que aconteceu na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em Guararema, São Paulo. Nas imagens a seguir (Figura 6 - 7) registros de um dos momentos de formação no estágio.

Figura 6 - Formação sobre Feminismo durante o estágio na ENFF



Fonte: Arquivo do MAM, 2023

Figura 7 - Mediação da Formação sobre Cultura



Fonte: Arquivo do MAM, 2023

A partir desta formação, refletimos muitas questões em torno do problema mineral. Mineração: dádiva ou maldição? A essa pergunta, o que responderiam as grandes indústrias? O que responderiam as comunidades afetadas pela instalação das minas? Essas perguntas nos inquietam quando refletimos sobre quem se beneficia do modelo mineral instalado em nossa sociedade. Por que o capital explora a natureza de forma insustentável? Essa questão direciona nossos estudos, quando sabemos que os recursos minerais são limitados e não renováveis e que com o tempo, vão ficando cada vez mais escassos.

O consumo e a produção de materiais em todo o mundo aumentaram e, quanto mais produção e consumo, mais se terá a necessidade de expandir estrategicamente as instalações empresariais diante da alta demanda do uso de minerais. Falar de expansão do capital é falar de territórios em disputa, e isso resulta em expulsar gente dos territórios. A dominação ideológica é uma das principais maneiras de colocar esse espaço em disputa, impondo a lógica ilusória do progresso e do desenvolvimento sobre o modo de relação que os sujeitos estabelecem com a vida, desrespeitando os limites e direitos da natureza. Como reflete Rigoto:

Nesta disputa pela apropriação material e social da natureza confrontam-se racionalidades distintas que, por um lado, significam o espaço como fonte de acumulação e, por outro, como lugar de memória, fonte de identidade e de reprodução de seus modos de vida. (RIGOTO, 2018, p. 229)

A ilusão do progresso chega através dos meios de comunicação, da indústria cultural, da alienação do trabalho, da educação descontextualizada com a realidade. Todas essas estratégias são planejadas para afastar o povo cada vez mais da relação com a natureza e das relações em comunidade. Estamos falando de um progresso neocolonial eurocêntrico, que tem como base de sustentação a exploração de

matérias primas, obtenção de mercado consumidor e mão de obra, isso caracteriza os monopólios imperialistas que concentram os meios de produção. Neste aspecto, a questão agrária vinculada ao latifúndio, ao modo de produção escravista, ao patriarcado e ao machismo são as bases que sustentam quem está no topo da pirâmide social, como ressalta Acosta:

Cada vez mais pessoas começam a entender que a acumulação material, mecanicista e interminável, assumida como progresso, não tem futuro. Essa preocupação é crescente, pois os limites da vida estão severamente ameaçados por uma visão antropocêntrica do progresso, cuja essência é devastadora. (ACOSTA, 2016, p. 104)

Refletir sobre a ilusão deste progresso me fez pensar: Como é possível pensar a Agroecologia em territórios afetados pela instalação das minas? Se os sujeitos são quem fazem a Agroecologia ser possível, como pensar nessas possibilidades, em espaços onde corpos e mentes estão adoecidos pelos impactos que as invasões das minas causam? Como manter o foco nesse fio da reflexão e percepção sobre a influência dos processos minerários no campo e na cidade, na minha missão como educadora popular? Proponho – me essas perguntas como aprendizados, e sobretudo, como desafios.

2.3 Caminhos alternativos de apropriação da natureza

Conhecimento é poder. A partir do acesso ao conhecimento, é nosso compromisso possibilitar estratégias de fortalecimento do povo da nossa comunidade e de tantas outras, a fazer o enfrentamento à mineração e os modelos que nos separam, nos individualizam, nos exploram e nos adoecem.

Por falar em conhecimento, resgato nesta trajetória uma lembrança quanto ao acesso ao conhecimento. Desde quando era criança, Antonia Maria, minha mãe e Antônio Anchieta, meu pai, me incentivaram a estudar. Eles não queriam que eu seguisse seus caminhos de terem casado e terem filhas tão cedo, assim como tantas outras mulheres e homens de nossa comunidade. Desejavam ver suas filhas formadas e não ter apenas a roça e a cozinha como alternativa de sobrevivência. O acesso à educação formal por muito tempo esteve muito distante da realidade da minha comunidade e família. Ver-me saindo do **Outro Lado** de Santa Luzia, percorrer mais de 1000 km de distância para frequentar uma universidade pública, ocupando uma das vagas destinadas a agricultores/as familiares camponeses, foi como levar comigo em minha memória, corpo e espírito, todos os meus ancestrais que não tiveram a mesma oportunidade que eu, mas que estão tendo através de mim. Ao

mesmo tempo, vi-me abrindo muitos caminhos para outros/as jovens e gerações desta comunidade. Em um trecho de Raízes Históricas do Campesinato, de Nazareth, ela menciona algumas das características da sociedade camponesa. Uma dessas características diz respeito ao horizonte das gerações:

Para além da garantia da sobrevivência no presente, as relações no interior da família camponesa têm como referência o horizonte das gerações, isto é, um projeto para o futuro. Com efeito, um dos eixos centrais da associação camponesa entre família, produção e trabalho é a expectativa de que todo investimento em recursos materiais e de trabalho despendido na unidade de produção, pela geração atual, possa vir a ser transmitido à geração seguinte, garantindo a esta, as condições de sua sobrevivência. Assim, as estratégias da família em relação à constituição do patrimônio fundiário, à alocação dos seus diversos membros no interior do estabelecimento ou fora dele, a intensidade do trabalho, as associações informais entre parentes e vizinhos, etc, são fortemente orientadas por este objetivo a médio ou longo prazo, da sucessão entre gerações. Combinando os recursos que dispõe na unidade de produção com aqueles a que pode ter acesso fora do estabelecimento - em geral, atividades complementares, temporárias e intermitentes - a família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subsequentes. (WANDERLEY, 1996: p. 03)

Essas características me fazem compreender minha família, ao olhar para a mandala do tempo (FIGURA 8) e perceber os vários movimentos que cada membro fez nessa trajetória para garantir de maneira imediata as nossas necessidades financeiras, de estudo e outras necessidades. Percebo isso como parte da nossa estratégia de reprodução e sobrevivência. Aprendi que não necessariamente os investimentos no conjunto da família camponesa precisam acontecer no âmbito material, mas estão ligados também às condições imateriais que vão compondo o agroecossistema, assim como é o conhecimento.

Figura 8 - Mandala do Tempo



Fonte: Produzido pela autora, 2024

Os movimentos realizados nesta trajetória (FIGURA 8) contribuíram com uma ação comprometida com a transformação do etnoagroecossistema que vai além do quintal e do espaço da produção. Mas que se amplia aos espaços de participação e trabalho. Estar nos espaços como EFA, Cáritas, MST, contribuiu para que pudessemos nos manter estudando no BACEP, pois só o trabalho remunerado do nosso pai, como foi no início (2019), não daria conta de nos manter no curso.

No percorrer do curso, realizamos algumas atividades usando metodologias participativas de análises do etnoagroecossistema com a família, como: mapas do quintal produtivo, linhas do tempo, diário de alimentação, FOFA - Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças, diagrama de Venn, etc. Estas atividades fizeram, tanto nosso pai, como nossa mãe, dizerem que não imaginavam que nossa graduação valorizasse a vida de quem mora no campo, dos mais pobres que vivem de roça. Sentimentos como estes ressoavam muitas vezes em minha mente, quando viajava 24 horas uma vez por mês de Santa Luzia até Recife para estudar. Estou no caminho certo? Será que nossos pais esperavam que íamos estudar para continuar no campo ou para continuar olhando para esse lugar? Ou será que esperavam um curso de Medicina? Ou essas áreas da Engenharia na cidade grande? Será que eles

esperavam que para nós o campo continuaria sendo um projeto de futuro? Nosso modo de vida é sinônimo de pobreza? Esse caminho que percorri durante o curso, seria um caminho que meus tataravôs e tataravós percorreriam em busca das letras?

Essas reflexões e sentimentos que nossos pais nos provocam, me remetem à descrição das várias faces dos camponeses que Moura faz:

Consciente da sua condição subalterna, o camponês se vê como o pobre e o fraco, reservando o autônomo destas categorias para os proprietários das grandes extensões de terra, os profissionais que representam as agências do Estado, e de modo mais ou menos genérico, os habitantes do meio urbano. (MOURA, 1986: p. 16)

No mesmo sentido Nazareth reflete sobre a condição de precariedade dos sistemas de produção camponeses:

(...) mesmo considerando que as formas da precariedade são diferenciadas, os camponeses tiveram, de uma maneira ou de outra, que abrir caminho entre as dificuldades alternativas que encontravam: submeter-se à grande propriedade ou isolar-se em áreas mais distantes; depender exclusivamente dos insuficientes resultados do trabalho no sítio ou completar a renda, trabalhando no eito de propriedades alheias; migrar temporária ou definitivamente. São igualmente fonte de precariedade: a instabilidade gerada pela alternância entre anos bons e secos no sertão nordestino; os efeitos do esgotamento do solo nas colônias do Sul, que resulta, frequentemente, o deslocamento da população local para outras áreas, onde recomeçará o ciclo. (WANDERLEY, 1996: p. 08)

Além dessas, outras situações como não ter acesso a água de qualidade e nem as tecnologias de captação, fome e pouquíssima renda são resultado da falta de acesso à terra, e condições que compreendi olhando para o meu contexto familiar. Minha família paterna viveu boa parte da vida andando de um canto para outro. Não tinham terra e viviam trabalhando para fazendeiros em troca de moradia. A família paterna de minha mãe não tinha terra. Foram todos embora para os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo, onde vivem até hoje. Nosso avô materno migrou, passou pouco tempo e voltou, ficou pela comunidade, casou com nossa avó que tinha terras. Porém, tanto minha avó, como minha mãe, sempre foram excluídas das decisões sobre a propriedade. Pois, apesar de a terra ser fator fundamental na vida de camponesas e camponeses, os níveis de utilização das terras por mulheres são desiguais. (MOURA, 2013; MORENO, 2013, p. 38)

Os homens da família do meu pai e da minha mãe viveram plantando em terras arrendadas de grandes proprietários, a 4 km de distância da nossa comunidade e é assim até hoje. Já com as mulheres da família, o plantio e a colheita no roçado eram de suas responsabilidades, além do cuidado com os filhos, a alimentação e o espaço doméstico da casa. Mas hoje não é mais assim. Será que existiriam outros

motivos para nossos pais quererem que seguíssemos o caminho dos estudos? Afinal, qual é a intencionalidade que está por trás do querer do meu pai e da minha mãe, quando desejam a educação como primordial para a família?

É certo que estamos em busca do bem viver no campo e a nossa existência, até hoje, reafirma nosso outro modo de vida, que é possível de ser melhorado e reproduzido. Nessa tentativa de decifrar e compreender esses sujeitos, é correto afirmar também que estes desafiam os dominantes, aqueles que acreditam estar no topo de uma pirâmide socioeconômica: o capitalismo. Este, de forma acelerada, tem buscado extinguir os camponeses. Contudo, é mais correto pensarmos em recriação, redefinição e até diversificação do campesinato do que afirmar o seu fim (MOURA, 1986). Desafiamos um estilo de vida materialista, industrial e desenvolvimentista porque sugerimos características de organização social como o trabalho familiar e comunitário que nos vincula à terra, costumes de herança, tradições religiosas e comportamentos políticos de transformação da realidade. Sobre isto, Moura comenta:

Vivendo na terra e do que ela produz, plantando e colhendo o alimento que vai para sua mesa e para a do príncipe, do tecelão e do soldado, o camponês é o trabalhador que se envolve mais diretamente com os segredos da natureza. A céu aberto, é um observador dos astros e dos elementos. Sabe de onde sopra o vento, quando virá a primeira chuva, que insetos podem ameaçar seus cultivos, quantas horas deverão ser dedicadas a determinada tarefa. Seu conhecimento do tempo e espaço é profundo e já existia antes daquilo que convenciamos chamar de ciência. (MOURA, 1986: p. 09)

Essas definições afirmam as maneiras de se relacionar com a terra de forma integrada em que creio. É esse resgate que tenho feito. No curso de Agroecologia, me aprofundar no estudo da racionalidade camponesa e nesse modo de se apropriar do que a Terra nos oferece, despertou para que eu percebesse o que nos diferencia, o que no modo de vida camponês e camponesa indica o caminho para sairmos de uma realidade de opressão, pobreza e alienação. Todos os sentidos precisam estar aguçados para nos comunicar com todos os sinais do meio ambiente e compreender o que os ecossistemas estão pedindo.

Meu avô materno José Domingos, através da observação dos comportamentos das formigas, das aranhas, dos pássaros e seus ninhos, do movimento das estrelas, dos aspectos do céu em dias santos, como dia de Santa Luzia e São José, adivinhava se determinado ano seria abundante ou escasso de chuvas. Conhecia grande parte das medicinas das ervas da caatinga, se curava com folhas, cascas, raízes, frutos e só andava com sementes no bolso. Minha mãe me contava que ele era chamado pela vizinhança para comunicar quanto tempo os

doentes em estado terminal tinham em vida, pois em contatos corporais com eles, sabia se a pessoa morreria brevemente ou não.

Minhas bisavós paternas, Franciscas, curandeiras velhas, rezadeiras e parteiras, “pegaram muitas crianças”⁷, sabiam através de orações quando devia ou não cumprir com o parto de outra mulher. Faziam orações nos roçados para acabar com “pragas” e incêndios. Eu também tinha tios que curavam e amansavam bichos bravos. Meu avô paterno Antonio Mateus, preto velho silencioso, conhecedor dos caminhos e trabalhos da roça, soube ensinar a toda a família a plantar e a colher, e isso vem sendo passado agora do meu pai para mim/nós. Sem relógio, ele sabia o tempo de sair e voltar para casa. Seriam estas experiências uma comunicação entre ser humano e os outros componentes da natureza? Será que por falta dela, estamos causando a nós o nosso próprio retrocesso? O que tem nos distanciando dessa comunicação?

Essas percepções adquiridas nos estudos do BACEP têm contribuído para que eu percorra esse caminho apresentado nas mandalas do tempo e busque através desse resgate ancestral comprometer-me com a reprodução do nosso modo de vida camponês/a, sabendo que somos sujeitos atuais do nosso tempo, capazes de nos reinventar e transformar a nossa realidade num modo de vida cada vez mais próximo da sustentabilidade, ouvindo a comunicação da Terra.

Analisar os diversos modos de apropriação da natureza nos mostra uma diversidade de ações do ser humano sobre os ecossistemas naturais. Nos mostra as áreas manejadas pelos agricultores e agricultoras camponesas, onde os agroecossistemas são mais biodiversificados, onde produzem alimentos com fartura e diversidade em relativa harmonia com a natureza, respeitando seus ciclos e recuperando e mantendo coisas que são essenciais para uma agricultura verdadeiramente sustentável, como as águas, solos férteis, biodiversidade, riqueza cultural e sabedoria dos povos e comunidades.

No entanto, estamos diante de uma realidade em que nos agroecossistemas camponeses encontramos desafios de sustentabilidade e produtividade, com altos níveis de empobrecimento (ALTIERI, 2004, p. 109) Neste sentido, a agroecologia se apresenta como alternativa para a transição desses espaços para fortalecê-los, inclusive, como forma de cuidado com a Terra. No terceiro, quarto e quinto período do

⁷ Partejar, ação realizadas pelas parteiras no momento do parto das mulheres.

curso, tivemos como eixos articuladores dos semestres o Planejar e Agir nos Etnoagroecossistemas. Durante esse período realizamos atividades de planejamento e ação, a partir de ferramentas de Diagnóstico Rural Participativo (DRPs) que são um conjunto de técnicas e ferramentas que permitem que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e planejamento (VERDEJO, 2006, p. 06). O DRP contribui na análise, redesenho e manejo de etnoagroecossistemas, fortalecendo a sustentabilidade, a biodiversidade e tornando os espaços cada vez mais próximos dos ecossistemas locais.

Estas ferramentas possibilitaram que, coletivamente, a minha família fizesse o próprio diagnóstico (FIGURA 9), pensando alternativas criativas de autogestionar o planejamento e ações de melhoramento do agroecossistema. O DRP contribuiu para o empoderamento da família, ajudando a refletir criticamente sobre os conhecimentos adquiridos, propiciando uma apropriação do funcionamento de cada subsistema, buscando perceber a saúde das plantas, dos animais, do solo, da água e das sementes.

Figura 9 - Realização das ferramentas de DRPs com a família



Fonte: Autora, 2022

Um dos principais aprendizados que minha família teve ao realizarmos tais reflexões foi que as metodologias foram fundamentais para que, pela primeira vez, registrássemos no papel a trajetória do quintal e escrevêssemos planos de forma coletiva. Percebemos que a escrita dá poder, pois a partir dela, se fortalece as possibilidades de concretização dos desejos da família. Também percebemos que estas atividades, ao longo do tempo, foram sempre desenvolvidas por nossa mãe e com os bons resultados financeiros, no caso da avicultura e nos bons resultados de

produção de alimentos, no caso do quintal, foram despertando em nosso pai, o interesse para se envolver nessas atividades.

Com a utilização dessas mesmas atividades por minha irmã Soraya, nas análises do subsistema roçado, percebemos que apenas nosso pai estava diretamente envolvido. Por um lado, analisamos que o roçado também faz parte do nosso etnoagroecossistema, mesmo estando em terras arrendadas e distantes. Além disso, percebemos que é o subsistema que mais contribuiu para a renda da família há muitos anos. Depois dessas atividades, passamos eu, minhas irmãs e minha mãe, a frequentar mais o roçado. O DRP possibilitou também registrar novos subsistemas: o criatório de ovelhas, a nova área do roçado em terras da própria família e ainda, a cozinha como espaço de beneficiamento e transformação do alimento. Estas experiências de mudança no etnoagroecossistema junto aos espaços em que nos envovíamos, foram nos levando a congressos, seminários, formações de apresentação da nossa experiência com o quintal como:

No quinto período do curso, tivemos como tema central dos estudos a agricultura agroflorestal como caminho alternativo para o redesenho de agroecossistemas rumo à sustentabilidade partimos da noção de que “Agrofloresta é um sistema de produção que imita o que a natureza faz normalmente.” (AGRICULTURA..., 2008, p. 07). Fomos desafiados a, através do planejamento participativo, implantar um sistema agroflorestal em nossos territórios (FIGURA 10), com a realização do seguinte roteiro: 1. Realizar uma trilha ecológica visitando três áreas em que uma era a floresta em seu estado primário sem manejos, a segunda de agricultura convencional e a terceira de agricultura agroflorestal. 2. Realizar com a família escolhida, um mapa da área, um cronograma de atividades a partir do interesse da família e ao que o ecossistema local dispunha. 3. Realizar a implantação prática. A prática foi realizada com o coletivo Arteando (FIGURA 11), um grupo de jovens das comunidades de Santa Luzia e Várzea do Toco, do qual também fazemos parte, pois esta já era uma demanda do grupo.

Figura 10 - Atividade de Planejamento do SAF com o Coletivo Arteando



Fonte: Arquivo Coletivo Arteando, 2022

Figura 11 - Prática de implantação do SAF



Fonte: Arquivo Coletivo Arteando, 2022

As imersões sempre foram espaços onde pudemos visitar lindas experiências com Sistemas Agroflorestais (SAFs). Lembro das experiências de Luzia, Miriam, Orum, na Zona da Mata Norte, e de Barrim e Silvanete no Sertão. Com a análise desses sistemas, pude perceber que a agricultura agroflorestal tem um objetivo muito importante para as famílias do campo e a produção de alimentos.

O que me sustenta viva na terra se não a alimentação? Do que eu me alimento? Como eu me alimento? Um despertar profundo consolidou a minha forma de compreender o termo alimentação. Estar consciente da minha alimentação tem sido uma das maneiras mais saudáveis de construir a Agroecologia. Aprendi a me alimentar melhor nessa época vivenciada no curso. E o aprender a se alimentar melhor é comer com gosto, cheiro, olhar. Respirando, relaxando a mente e o corpo.

Também tem a ver com sentir o alimento, tendo consciência de como ele chegou até ali no meu prato. É sentir qual energia que está sobre cada comida ingerida. Na pandemia, confesso que tive o prazer de aprimorar meu contato com o cozinhar. Este simples e essencial ato de cozinhar me fez pensar com criticidade sobre de onde vem cada alimento, como são feitos, o que é “comida de verdade”⁸. Refleti também sobre o motivo pelo qual passei tanto tempo distante dessa consciência e porque passei tanto tempo dizendo a minha mãe que eu não era obrigada a cozinhar.

Estar distante dessas consciências, estar distante do sentido do que realmente me alimenta, era estar conectada apenas com a necessidade imediata. Necessidade esta, que por muito tempo marcou minha família e meus ancestrais. Venho de uma família que passou muita fome. Que não tinha o necessário para sobreviver; que tinha no máximo uma refeição por dia e que não tinha variedade de alimentos para comer. Então, percebi que me alimentava do que tinha na minha frente, porque em mim persistia apenas o “eu preciso comer”, como se não tivesse escolhas.

Além disso, as memórias que guardava da cozinha eram como um espaço de prisão. Prisão, porque vi muitas vezes só as mulheres neste espaço. Então rejeitá-lo era como uma missão para mim, porque não queria ser como tantas mulheres que tem esse espaço como lugar obrigatório de condição naturalizada pela sociedade machista. Foram as atividades e reflexões sobre esse tema da Alimentação que me fizeram acessar essas memórias através das conversas com a família. Algumas atividades como: pesquisa de alimentos *in natura*, processados e ultraprocessados consumidos pela família; diário da alimentação; e desenho do prato que representa a nossa alimentação cotidiana. Estas atividades nos fizeram ter mudanças na alimentação familiar.

Com a pesquisa dos alimentos, descartamos alimentos como mortadela, suco em pó, leite em pó, além de passarmos a produzir nosso próprio cuscuz. Com a análise do nosso prato, diversificamos com frutas e verduras o nosso prato (FIGURA 12). Relacionando este tema da alimentação com a temática do redesenho do etnoagroecossistema, definimos como prioridade a produção de alimentos. Assim,

⁸ Comida de verdade é produzida pela agricultura familiar, com base agroecológica e com o uso de sementes crioulas e nativas. É produzida por meio do manejo adequado dos recursos naturais, levando em consideração os princípios da sustentabilidade e os conhecimentos tradicionais e suas especificidades regionais. É livre de agrotóxicos, de transgênicos, de fertilizantes e de todos os tipos de contaminantes. (MANIFESTO..., 2015, p 1)

além do milho e do feijão no roçado e quintal, voltamos a plantar macaxeira, batata, gergelim, amendoim e jerimum. O tempo que passamos em casa na pandemia, foi o ano que mais produzimos e nos alimentamos de produtos do etnoagroecossistema. Diante dessas tão fortes e simbólicas mudanças, ter consciência do que nos alimenta, nos afasta da alienação da industrialização dos alimentos e nos aproxima de uma alimentação viva e de um “alimento de verdade”.

Figura 12 - Diversidade de frutos colhidos do quintal



Fonte: Autora, 2021

2.4 O caminho de volta para a ancestralidade

Porque chamamos as árvores de árvores? Porque chamamos as plantas de plantas? Plantar porquê? Porque as plantas são usadas? As plantas têm vida? As árvores têm ciclos? Porque nos alimentamos delas? Porque classificamos as plantas como medicinais, nativas, exóticas? Porque perguntar? Perguntar os porquês foi a chave para captar os aprendizados que me levaram a compreender a minha forte relação com o universo do reino vegetal. Me recordo da professora Joanna Lessa nos fazendo várias perguntas quando nos lembrava a importância de sermos sempre aquela criança que está desvendando o mundo, sem se preocupar, necessariamente com as respostas, mas sempre perguntando o porquê. Estranhar o conhecido também é uma importante habilidade para se aprofundar sobre a realidade. E perguntar o porquê das coisas me fez enxergar de outra forma, sair do lugar, inquietar-me com o movimento à nossa volta. Como afirma Freire, “E, quanto mais se pergunta, tanto mais sente que sua curiosidade em torno do objeto do conhecimento não se esgota. Que esta só se esgota e já nada encontra se ele fica isolado do mundo e dos homens.” (FREIRE, 1983, p. 54)

O caminho que o curso de Agroecologia indicou, de estudar do macro ao micro, dentro do processo metodológico dos semestres, me permitiu vivenciar na prática um caminho de volta às minhas raízes. E foi nessa prática de perguntar o

porquê das coisas que, de tanto perguntar, descobri que minhas avós e avôs tinham práticas de cura, eram rezadeiras e rezadores, parteiras e benzedeiros, com conhecimentos riquíssimos sobre as medicinas da caatinga, assim como também, diversas outras pessoas da minha comunidade.

Ao mesmo tempo que tive essas descobertas nas dinâmicas dos porquês, vivenciava um processo de autoconhecimento que mudou o meu sentido de viver no mundo. Tudo isso aconteceu no momento da crise pandêmica da Covid-19, quando a saúde foi o tema central discutido e refletido, inclusive no momento em que o ex-presidente da república, à qual prefiro não citar o nome aqui, divulgava medidas e informações falsas que incentivavam as pessoas a ir contra as medidas de segurança e de saúde contra o vírus.

Foi como a espera da chuva nos finais de verão do Sertão, desejeante e aguardada como nunca antes. E foi com o alastramento desse vírus, que me perguntei muitas vezes: Por que nos isolamos? Estamos nos isolando da natureza ou ela de nós? Ou ainda estamos nos isolando para nos encontrar? Por que estamos tão distantes da natureza? Por que precisamos tanto da ciência moderna para salvar o mundo? Por que precisamos de vacina?

Nesse emaranhado de perguntas, trago aqui a mandala do tempo (FIGURA 13) com as experiências que me conduziram a este tema da saúde.

Figura 13 - Mandala do Tempo



Fonte: Produzido pela autora, 2024

Destas ações destacadas na mandala do tempo (FIGURA 13), a atividade do quinto período do BACEP, em que realizei com minha mãe e irmã (FIGURA 14), mexeu profundamente comigo, foi uma roda de conversa voltada para o uso das plantas medicinais. Iniciamos com a pergunta mobilizadora “O que vocês entendem sobre as plantas medicinais?” e, nessa pergunta, fizemos reflexões que seria importante resgatar aqui:

para mim as plantas medicinais são a cura, é você poder se curar do que a Terra dá, você não depender de remédios de hospital, de farmácia, porque a gente sabe o quanto esses remédios são igual droga, não vem pra você se curar, existe para você depender deles, vem com um monte de química, muda seu corpo. Nosso erro é porque das plantas, a gente só quer usar de imediato, como se elas fossem remédio, mas elas não são remédios, elas são medicinais. Tá ali pra você tomar direto, não só quando tá sentindo alguma dor, algum problema. Quando você toma com frequência, ela evita que seu corpo reaja de uma forma mais ruim. (Maria Araújo, 2022)

"As plantas medicinais são alimento, é você se alimentar delas também, não só como medicamento, é você curar seu corpo, sua mente. É conexão com a Natureza" (Samantha Karen, 2022)

Figura 14 - Atividade com a Família sobre uso das plantas medicinais



Fonte: Autora, 2022

Através dessa atividade me conectei de outras maneiras com a minha mãe e minha irmã. Me trouxe à tona a percepção das outras maneiras nas quais nós podemos estar juntas, através de rituais que potencializam nossa profunda conexão conosco, colocando as plantas, nós e tantos símbolos como reverência em um altar. A cura acontece quando todas as partes estão abertas e dispostas ao novo, ao diferente e ao incompreensível à nossa racionalidade. Nós e as plantas, as plantas e nós, estamos em sintonia, basta sabermos nos comunicar. Percebo que esses saberes dos mais velhos estão se perdendo, pois não são passados entre as gerações. De que forma isso ameaça as comunidades tradicionais e camponesas?

Além do saber, se perde a cultura, a autonomia e as pessoas ficam mais dependentes do que vem de fora.

A partir dessa atividade, realizamos algumas reflexões e a partir delas me vem à cabeça a professora Lorinalda, quando ela nos apresentava a semelhança física de funcionamento do nosso corpo com as plantas, sobre o manejo das plantas medicinais e a importância delas na farmacoterapia. Através desses estudos aprendemos a prática do relógio cósmico, que é uma metodologia que organiza a função dos principais órgãos do corpo humano e onde eles se localizam no organismo, com plantas que auxiliam no tratamento de transtorno no respectivo órgão, além de sugerir a hora ideal a ser tratada em cada membro do corpo.

Na imersão do 5º período, implantamos o relógio cósmico no Centro de Formação Paulo Freire, do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), no Assentamento Normandia em Pernambuco (FIGURA 11). A prática de conhecimento e implantação do relógio cósmico, para mim se apresentou como uma proposta de trabalhar essa relação entre Humanos e Natureza e a integração curativa desses dois polos. Além disso, nos propõe reflexões sobre nossas escolhas e hábitos de vida, nos desafiando a ser sujeitos da sua própria saúde, sendo outra forma de conhecimento de nós mesmos, do tempo e da natureza.

A partir dessas experiências, como gota de água que, sem parar, corre pelas seivas das árvores até a transformação em chuva, se consolidou algo dentro de mim, que me escorria, para os caminhos de cura, das plantas e do fortalecimento de uma territorialidade e um chamado ancestral. Ao captar essas mensagens, vi no estágio obrigatório a oportunidade de fortalecer esse desejo de mergulhar no campo de estudo sobre saúde, que ao mesmo tempo que é meu, é também um desejo da Terra.

No segundo estágio, (FIGURA 15) escolhi o Espaço Bem Viver, um instituto que possui ações de cuidados com a saúde mental, física e espiritual a partir dos saberes populares e das práticas integrativas e complementares no Sertão de Crateús e Inhamuns. Esse estágio contribuiu para me fortalecer no propósito de ter um modo de vida que se baseia na saúde como caminho futuro para contribuir com a multiplicação desse conhecimento, principalmente para a juventude. Também me ancorou na importância de continuar reproduzindo o poder da minha linhagem ancestral, das mulheres que curam. Tive aprendizados importantíssimos que orientam as ações na minha caminhada na Agroecologia.

Figura 15 - Roda de Terapia Comunitária com educadores



Fonte: Autora, 2023

Aprendizados como a necessidade do resgate da relação das pessoas com a natureza interna e externa; a conexão primeiro com o que sente; um profundo respeito e cuidado com as plantas, pois elas são sagradas porque elas previnem e curam; que as plantas e remédios caseiros previnem porque precisam ser testadas em si e depois nos outros; à medida que uma pessoa cuida de si, cuida da Terra, e a medida que cuida da Terra, cuida de si. Passei a ver o espaço do quintal como local possível para o cultivo das plantas medicinais. Um olhar cuidado para o poder das plantas que curam o corpo, a mente, as emoções e a energia. Compreendi que através da reza, do benzimento, do Reiki, se mexe com energias invisíveis que trabalham a fé e através da fé, vem a cura; que muitas dessas práticas envolvem um despertar do protagonismo de cada sujeito/a para agir no mundo; que temos um papel importante em ajudar a resgatar a autoestima dos mais pobres para dar a eles e elas uma vida de esperança e possibilidades a partir de ações coletivas; que as dores que estão marcadas na nossa linhagem e acontecimentos familiares interferem na nossa forma de agir no mundo.

Diante de tantos desastres e injustiças da sociedade capitalista não há outro rumo senão o adoecimento, que acontece nos diversos sentidos: mental, físico, emocional, energético e espiritual. Quando eu estava realizando o primeiro estágio refletimos sobre a sociedade do consumo e suas relações com a mineração, que adocece e explora todos os seres desta Terra a partir de interesses do capital. Por outro lado, temos as diversas alternativas de cura para uma sociedade adoecida, através de pessoas e grupos que tem se proposto voluntariamente à cura dos sujeitos.

Vivenciei muitas dessas práticas em escolas públicas, reforçando para mim a importância primordial da educação como ferramenta estratégica de romper com as imposições de adoecimento da sociedade moderna e capitalista. A falta de estudo sobre as plantas nativas locais frente à degradação ambiental e a falta de apoio à capacitação das comunidades, desencadeia a perda dos saberes como fontes de cura. A seguir (FIGURA 16), temos por exemplo, um dos momentos muito importantes em que realizamos uma oficina com a juventude na EFA, onde pude perceber que a educação pode contribuir com a reprodução do conhecimento sobre as medicinas das plantas e rezas que têm os povos do nosso território e que são desconhecidas dos mais jovens, e também contribuir com a sistematização desses conhecimentos.

Aqui, ressalto a importância de criação de políticas públicas que valorizem o uso popular de plantas medicinais e remédios caseiros no Sistema Único de Saúde. Também ressalto a carência da assistência técnica e extensão rural para a produção agroecológica e o manejo sustentável de plantas medicinais.

Figura 16 - Vivência do estágio sobre Plantas Medicinais com a Juventude



Fonte: Autora, 2023

2.5 O caminho de volta para o ventre e para a própria identidade

Entre as águas que me movem internamente com as águas que navego externamente, o comunicar, falar, expressar no mundo o que penso e o que sinto, sempre tem sido um grande desafio ao longo desses meus vinte e três anos de vida. Quando entrei no Bacharelado em Agroecologia já no primeiro período, algumas ondas me faziam pensar em desistir do curso. Partilhar esta trajetória junto a minha irmã Soraya foi uma das maiores conquistas da nossa família. Vivíamos distantes e o

curso nos aproximou de uma maneira inexplicável. Mas, tive que suportar comentários como: “você só faz as coisas que sua irmã faz?”, “a sua irmã não te dá voz, ela fala por vocês duas”, “você poderia se distanciar mais da sua irmã, acho que a relação de vocês não é saudável”, “você não se expressa muito devido a sua irmã”. Além dessas frases referidas a ela, ouvia palavras como: “quem vai partilhar as experiências é a Sabrina, porque ela é a que menos fala”, “Fala aí, Sabrina, já que não ouvimos sua voz ainda”. Escutava estas frases da boca dos e das companheiras da turma. Milhares de perguntas borbulhavam na minha cabeça: como serei educadora popular se eu tenho dificuldades de falar em público? Eu não consigo me expressar de forma compreensível em grandes públicos. Esse curso não é para mim, porque esse curso é para quem sabe falar.

Contemplar a queda-d’água das cachoeiras

é um costume de muitas lições.

Cair

E

Ver beleza

nas quedas.

O que desaba

também

Está em movimento. (ARRUDA, 2023, apud ANDRADE, 2023, p. 267)

Fran Bitten, nesse poema, descreve poeticamente os aprendizados que tive com as muitas águas que escorreram em mim. Estava decidida sair do curso e Soraya insistiu que eu ficasse. Ela dizia que a culpa não estava em mim e que eu vivesse mais o curso para me descobrir. Estas palavras foram cruciais para que eu decidisse continuar.

No dia 08 de março de 2020, Dia Internacional da Mulher, na imersão do 2º período, em que visitamos o Complexo Mascarenhas, uma reserva da Zona da Mata Norte de Pernambuco, tivemos experiências muito fortes que marcaram minha vivência no curso. Ao adentrar a mata, tive grandes sensações com as águas e com a mata. Eu me sentia acolhida em um útero, um ventre antigo.

Visitamos neste mesmo dia a experiência de uma mulher agricultora, e nesta visita, ouvimos relatos de violência, opressão e machismo vivenciado no contexto familiar daquela mulher. Surpreendentemente, presenciamos comportamentos desrespeitosos de alguns colegas homens estudantes e professores da turma. Em

resposta a isso, as mulheres da turma apresentaram para os colegas as frases e os gestos machistas ditas por eles reivindicando o direito de ter no curso um espaço livre dessas situações. Na roda de cuidados para as mulheres da turma, partilhei para as companheiras a minha vontade de desistir, mas fui acolhida e fortalecida em permanecer.

Desse dia em diante, tive a certeza que permaneceria no curso, não apenas por mim, mas também por todas as mulheres da minha família que permaneceram em silêncio quando foram oprimidas, caladas e violentadas, comprometendo-me, dali em diante, a buscar os caminhos de cura da minha linhagem feminina e de tantas mulheres, começando pelo curar de todas as feridas e dores que me distanciavam dos meus sonhos. Conceição Evaristo abordou os silêncios no poema que segue:

*Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.*

*Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.*

*Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,*

*não me forcem.
 Caminhar para quê?
 Deixem-me quedar,
 deixem-me quieta,
 na aparente inércia.
 Nem todo viandante
 anda estradas,
 há mundos submersos,
 que só o silêncio
 da poesia penetra. (EVARISTO, 2017, p. 123-124)*

Uso dessa penetrante poesia de Conceição Evaristo, para descrever as águas profundas e femininas que conduziram esta minha trajetória. Assim como a bisavó Ana e a avó Genoveva mascaram o fumo preto no silêncio que pairava nas suas cozinhas, peguei o mesmo gosto por mascar, não só o fumo, mas também a escrita. As palavras têm me inundado de um novo sentido. Tenho descoberto a escrita como maneira de expressar o que penso e o que sinto e, quem desejar me interpretar e ouvir a minha voz, que me leia. Pois lendo-me, saberão meus sentires e saberão que foi navegando nas águas ancestrais da minha família que resisti e vivi esta trajetória e, foi para viver, que naveguei naquilo de mais difícil que é o assumir as dores que permeiam a vida das mulheres. Resignifiquei cada frase dita, pensando: falar para quê? Deixem-me quieta, na aparente inércia, pois esta vi-andante seguirá navegando pelas águas do mundo, mas também as águas do tempo, do corpo, da memória e do silêncio.

Estas reflexões são assumidas com muito desafio, pois aparentemente, posso estar sendo compreendida sobre uma visão de permanecer sendo violada ao calar minha voz e me colocando inferior. Perceber o silêncio, como aprendizado, me faz lembrar de quando, no ano de 2020, sentada no alpendre da casa de minha avó Genoveva, perguntei: “vó, eu posso escrever a sua história, ou a história das mulheres da nossa família?”. Ela, olhou para mim, em silêncio, deu uma grande suspirada e disse: “tem tanta coisa que eu não posso lhe contar minha filha”. O que as vozes caladas, silenciadas, evitadas contam sobre a história das mulheres desta família e de tantas mulheres no mundo? Miranda traz uma reflexão sobre essas violências que vamos reproduzindo ao longo das gerações fruto de uma intrínseca relação cultural:

As violências sofridas pelas mulheres da minha família, e talvez muitas outras se identifiquem, é fruto de uma cultura ocidental judaico cristã, imersa no masculino distorcido que ficaram marcados na singularidade de cada mulher, no seu inconsciente, transmitindo-se a dor do feminino ferido ao longo das gerações, o que se torna compreensível, portanto, a sua insatisfação com a posição de inferioridade que ainda lhe é imposta à ocupação. (MIRANDA, 2020, p 02)

Mas, a escrita me vem aqui, como poder de libertar a voz calada, os pensamentos daquilo que fomos impedidas de contar e de retomar as letras que nos foram negadas. Refletimos lá no Período Letivo Excepcional - PLE, sobre a dor e a delícia de escrever, que este espaço também é lugar de poder e de disputa. Por isso estamos aqui retomando, mas buscando uma escrita agroflorestal, para degustarmos as deliciosas mordidas nas palavras que são utilizáveis para descrever a realidade das mulheres do campo.

Em 2020, a pandemia possibilitou que eu e minha família passássemos mais tempo juntos, reunidos em casa, o que não fazíamos há muito tempo. Tempo crucial para nos depararmos com situações de machismo e divisão injusta do trabalho. Nosso pai, querendo ainda ter todo o poder das decisões da casa, do quintal, do roçado e de nossas vidas. Nossa mãe, sobrecarregada das atividades da cozinha. Eu e minhas irmãs ficamos restritas às atividades escolares e do quintal. Foram muitos conflitos e conversas até chegarmos a acordos simples de divisão das atividades domésticas e de cozinhar entre todos os membros da casa.

Passamos a refletir com nosso pai que precisávamos assumir algumas responsabilidades do roçado que não eram só dele, que tínhamos o direito de decidir o que fazer no quintal, porque ele só passou a se importar com este espaço devido a ação da nossa mãe, minhas irmãs e eu, de transformação e produção de alimentos. Também, refletimos que o fato de ele ser o único que trabalhava de forma remunerada, não lhe dava o direito de querer ter apenas a opinião dele como referência. Estas e outras questões relacionadas ao uso do dinheiro familiar, relacionamentos, horários de cada pessoa, foram situações sobre as quais tivemos que dialogar para conviver bem. Estas situações nos levaram a aprofundar nossos estudos sobre feminismo e mulheres camponesas, percebendo outras compreensões da importância da Agroecologia na transformação na vida das mulheres.

Na mandala do tempo (FIGURA 17) apresento as ações, cursos, terapias, vivências e experiências que participei como aprendiz e como facilitadora, como parte

desse processo de resgate da identidade me reconhecendo como mulher, do autoconhecimento e na busca por processos de cura e saúde do próprio corpo.

Figura 17 - Mandala do Tempo



Fonte: Produzido pela autora, 2024

Como mostra acima, no ano de 2020 realizei o curso “Economia Feminista” oferecido pela Sempreviva Organização Feminista e chamei a minha mãe para fazer comigo. Esta vivência aprofundou mais ainda a conexão com minha mãe, pois nos vimos rompendo as barreiras que limitam nosso acesso ao conhecimento e aos processos que nos dominam e nos aprisionam. Vi que a partir desse conhecimento, minha mãe foi assumindo uma outra postura dentro de casa, sobretudo na relação com nosso pai, situações que ela ouvia em silêncio e ela começou a se empoderar para dizer todas as opressões vivenciadas, culpa de um sistema patriarcal que domina as mulheres e adocece os homens.

Junto às minhas irmãs, também participei do curso “Feminismo: Por que Lutamos”, promovido pela União da Juventude Socialista. Este foi um curso que me deu embasamento e empoderamento para construir para nós uma realidade fora de opressões, reconhecendo as violências que sofremos do nosso pai quando crianças e dos companheiros com quem me relacionei. Refleti junto ao nosso pai e nossa mãe sobre o papel da mulher nos diversos espaços, na música, na televisão, na política, nas famílias da comunidade, na bíblia, na economia e tantos outros espaços. A partir desses estudos e reflexões, nosso pai foi assumindo outra postura em casa e em todos os espaços que estava e já chegou a comentar e se retirar de rodas de amigos

homens, por estarem falando pejorativamente das mulheres. A partir desses estudos, tanto eu como minhas irmãs passamos a ser chamadas para facilitar rodas de conversas sobre feminismos, na comunidade, na Cáritas e a assumir aulas na Escola Família Agrícola Dom Fragoso sobre temáticas correlatas.

Estas constatações me fazem recordar uma história que me chamou a atenção. Em 2020, minha mãe contou sobre a relação das mulheres da nossa família com o ciclo menstrual. Ela contava que minha bisavó Ana, quando menstruou pela primeira vez, achava que estava doente porque não sabia que era uma mulher com útero e que isso aconteceria. Assim ela passou para minha vó que todos os meses, ela iria adoecer e, dessa mesma forma, minha avó passou para minha mãe. Já minha mãe me ensinou e explicou o que era a menstruação, não como doença, mas da maneira mais simplificada possível.

Na descoberta dessa história, vivenciei durante esse percurso situações problemáticas com meu ciclo menstrual desregulado, senti muitas dores, passei por várias consultas, tomei muitos medicamentos. Através do curso “Mama Luna”, reconectei-me com minha menstruação e com meu sangue. Conheci como funcionam meus ciclos, meu corpo, aprendi a reverenciar e ritualizar a Lua e a Terra, como mestras que me ajudam a compreender meus ciclos, bem como a cura de tantas dores.

Nestas descobertas iniciei na terapia das Yoni Eggs⁹ e, fui capaz de compreender as dores que estão guardadas em meu útero, desde as minhas ancestrais até eu, a compreender de onde vem a dificuldade de me comunicar e de onde vinham as dores. Conheci a mandala lunar:

(...) que é uma ferramenta de auto, conhecimento, conexão e percepção dos ciclos da natureza dentro e fora de nós. Um livro que convida à auto-observação cotidiana para aumentar a consciência sobre nossas emoções, ações e reações e, assim, agirmos com mais atenção e presença no mundo. Através da pausa, observação, reflexão e registro diário de nossas ações, sensações, percepções corporais ou sonhos, tornamo-nos cientistas de nós mesmas, pesquisadoras de nossos próprios processos. (ANDRADE, 2023, p. 05)

Quanto mais me reconectei com minhas águas, com minhas capacidades internas, com meu sangue e com meus sentires, mais me firmava em propósitos que me dão sentido de vida. Então passei a me conectar com os Oráculos. A palavra oráculo vem do latim *ōrāre*, que significa “falar”. De maneira simples, os oráculos são

⁹ Yoni Eggs é uma medicina que utiliza cristais como ferramenta vibracional de cura de processos uterinos.

uma comunicação que nos conecta com outros tempos, com os mistérios e com as divindades da natureza. Na conexão com os oráculos, descobri o principal: eu. No encontro comigo e com minha essência, na comunicação com o divino que me habita, através do sentir, busquei espaços que mais se aproximam daquilo que eu acredito ser o caminho do Bem Viver.

No resgate dessa minha trajetória, Calvacanti me ajuda a refletir sobre a dimensão do (auto) cuidado:

Para muitas mulheres, o ato invisível e pouco reconhecido de cuidar se torna um fardo; invisibilizamos não apenas o trabalho realizado pelas mulheres, mas também a necessidade dessas mulheres de serem cuidadas e se cuidarem. A perspectiva do cuidado tem suas raízes e é cultivada nas práticas indígenas e negras, nos espaços campestres e, na maioria das vezes, entre mulheres. (CALVACANTI, et al., 2021, p.04)

Ao descobrir que muitas das mulheres da minha família trabalhavam com esta dimensão da cura, mas também vivenciavam processos de muita violência associada ao machismo e ao patriarcado, percebi, através das histórias contadas por minha mãe e minha avó, que elas sempre estiveram em realidades de muita exploração do corpo e da mente, através da sobrecarga de atividades, não só domésticas, de cuidados com a família, mas também atividades do roçado, do quintal, da criação de animais, de colocar água e alimento em casa e no geral com a sustentação da vida familiar. Nestas circunstâncias, o lugar da mulher no meio rural se comparado ao homem, na dimensão trabalhista, chega ser maior. Esta sobrecarga, as distanciou de uma relação de cuidar delas mesmas, de dedicar-se sempre ao outro, exigir do corpo sempre uma força, vitalidade e energia que vai ao contrário das dimensões cíclicas de cada mulher, do tempo e da natureza.

Então perceber todas essas questões nos provoca a pensar no resgate do feminino sagrado, como espaço importante para o autocuidado das mulheres. Cuidar de si mesma não é autoindulgência, é uma autopreservação e isso é um ato de guerra política. (LORDE, 1988, apud CALVACANTI, 2021, p. 05)

Há desafios que provocam nossos pensamentos, como por exemplo, quando algumas pesquisadoras e estudiosas feministas tratam por exemplo algumas dessas visões que coloco, sobre autocuidado, cura feminina, como algo de caráter “místico” ou “essencialista”. Em uma das análises de Siliprandi, ela traz uma das críticas feitas a esse tipo de visão de mundo:

As maiores críticas feitas a esse ecofeminismo foram com relação ao seu caráter “essencialista”, por defender que *todas as mulheres* seriam portadoras de certas características, genericamente chamadas de

“feminilidade” (propensão ao cuidado, afetividade, docilidade, não-agressividade), dadas pelo potencial de seus corpos de se tornarem mães. Essas características, em última instância, biológicas, aproximá-las-iam da natureza e as tornariam mais cuidadosas com a manutenção de todas as formas de vida, e, por consequência, também do meio natural. O essencialismo foi (e é) criticado (...) porque, ao aceitar a existência e valorizar as características ditas “femininas”, reforça justamente o que a cultura ocidental sempre utilizou como base para a opressão das mulheres e sua segregação ao mundo privado. Seria como se as mulheres aceitassem “livremente” o lugar subalterno que lhes foi designado pelo patriarcado e passassem, ao invés de denunciar o seu caráter injusto, a se orgulhar dele. (SILIPRANDI, 2009, p. 90)

A partir dessas reflexões, penso que não busco uma visão de romantizar o sofrimento vivenciado pelas mulheres e a construção social de subalternidade que foram impostas às mulheres. Mas me pergunto, porque uma visão anula a outra? Quais as separações de cada luta? Porque o resgate de cosmo percepções que nos aproximam da integração com o todo estaria dentro de uma visão romantizada da vida? Colocaram-nos em lugares tão inferiores que fomos proibidas de falar dos nossos ciclos e nos honrarmos como parte da natureza. Qual a misticidade que existe nisso? Estaria romantizando o papel de ser mãe? Porque só foi dada essa condição ao útero? Porque esta condição, inclusive, é submetida a tanta violência? Será mesmo que resgatar esse empoderamento do próprio corpo seria colocar-se num lugar de subalternidade, fragilidade, inferioridade e não reaproximação com a Terra? A quem interessa o distanciamento de sua sacralidade? Porque este tipo de postura incomoda a alguém?

Talvez a pergunta mais desafiadora seja, o que os ciclos das mulheres tem a ver com Agroecologia? É nesta ciência que estamos construindo, que me coloquei para refletir sobre meu resgate como parte da terra e falar dos ciclos, mas não aqueles com os quais estamos acostumadas/os a dominar como os ciclos biogeoquímicos, da água, do carbono, do solo, das plantas, dos animais, mas do ciclo da mulher a qual eu pertencço corporalmente.

Construir o feminismo é refletir a partir do lugar em que cada mulher está. Como mulher do campo, trago a dimensão do autocuidado como espaço de autopreservação de mim mesma e de um território. Trazer a ameaça dos projetos minerais, por exemplo, é refletir que se o meu território é ameaçado, meu corpo é ameaçado e vice-versa. Cavalcanti tem uma reflexão que direciona nosso olhar cuidadoso dentro da construção do conhecimento agroecológico:

não existe Agroecologia sem cuidar de nós, das comunidades, e desse corpo-território Terra. Sabemos que o equilíbrio do ambiente está intrinsecamente

ligado ao conceito de saúde humana, e a Agroecologia pode ser instrumento na promoção da saúde das pessoas e do ambiente. Compreendemos como, além de o equilíbrio do meio ambiente estar relacionado à saúde humana, a violência que afeta os ecossistemas e os seres que vivem nele também estão conectadas. (CALVACANTI at al., 2021, p. 06)

Considerar o planeta Terra e as plantas como seres de direito pode soar absurdo, o que demonstra como nossa organização social ainda é colonial e limitada quanto à percepção da existência de outros seres e nossa relação com eles. Trazer essas questões exige coragem. Como afirma Cavalcanti *at al.* (2021):

muitas vezes não há o direito de escolha e nem mesmo dá tempo de questionar se aquela luta faz sentido ou não. Muitas vezes, nascer em um certo território, em um certo corpo, ou, melhor dizendo, em um corpo-território, já torna as mulheres alvo e, portanto, existir e resistir se tornam sinônimos. Não lutamos e vivemos sobre o espaço, e sim com ele, o que significa que os próprios territórios são vítimas do capital e do patriarcado, assim como os corpos das mulheres. (CALVACANTI, at al., 2021, p. 09)

Nessas reflexões, existe semelhanças quando o “eu” nas dimensões do cuidado, é um ser social e comunitário, desafiando a lógica do autocuidado e cuidado individualista, muito divulgada por aí, em que cada um é responsável por si e se beneficia disso isoladamente.

“viver em coletividade nos mostra que cuidar de nós faz parte de cuidar do coletivo a que pertencemos, e que cuidar do coletivo é essencial para cuidarmos de nós. Afinal, o cuidado só existe em rede.” (CAVALCANTI at al., 2021, p. 05). Como diz Fran Bitten:

*No dia em que minha mãe
me contou a história das nossas ancestrais
entendi que eu sou a primeira mulher da família
que pode fazer o que quiser
desde aquele dia
toda noite antes de dormir
eu fecho os olhos e convido elas para participar das escolhas que só posso
fazer por cada uma delas ter me colocado neste lugar
eu não cheguei até aqui sozinha. (BITTEN apud ANDRADE, 2023, p. 241)*

Não chego sozinha aqui, pois, concretizar essa sistematização para mim, com a licença e cumplicidade de todas as mulheres da minha família, é dar visibilidade ao trabalho doméstico, de cuidado, da produção de alimentos realizada pelas mulheres camponesas, sem remuneração do trabalho. É desafiar nossas reflexões sobre

reforma agrária no caso das mulheres rurais que mesmo sendo proprietárias das terras, não têm poder de decidir e gerir seus quintais e animais.

É fazer dessa escrita um ato de reivindicação pela educação negada às minhas bisavós, avós e não mais a minha mãe porque esta também percebeu que ainda está em tempo de resgatar esse poder. É escrever também as violências sofridas, pois aqui a dinâmica é de honrar nossas dores. No “Trabalho Que Reconecta” (TQR), como Joanna Macy destaca, honrar as dores não significa instigar sentimentos de pavor, culpa, tristeza, revolta, mas sentir compaixão - a capacidade de sofrer com, que já flui dentro de nós como um rio subterrâneo, e que honrar as dores é ajudar o rio a subir para a luz do dia, quando suas correntes se misturam com outras e ganham impulso transformador. (MACY, 2020, p. 70). Destacar as dimensões dessas práticas que nos reconectam é revolucionário, mudando aquilo que nos faria fugir em caminhar com, restabelecendo caos em força e nos levando a ação transformadora.

3. A CAMINHADA CONTINUA

Parir este memorial me permitiu descrever não somente a trajetória vivenciada nesses cinco anos, mas mergulhar em raízes históricas que me possibilitaram ter essas visões de mundo e que me colocaram nesses caminhos coletivos de construção da Agroecologia como ciência, movimento e prática. Como afirma Jorge Tavares:

“A Agroecologia é uma ciência da complexidade. Uma ciência em construção. Tem no campesinato sua força motriz. Entende-se Agroecologia como a religação das relações homo com a natureza na promoção da vida. De todas as vidas. Desta forma, a Agroecologia extrapola a ideia de agricultura. Mesmo considerando que esta é um modo de vida e desta forma seu produto é resultante da ação humana, portanto, é um produto decorrente da cultura e da forma do *homo* ver o mundo.” (TAVARES, 2019, p. 4-7)

As dimensão socioeconômica cultural, sociopolítica e técnica agrônômica, (TAVARES, 2019) vão dando sentido a complexidade da Agroecologia, e construindo um campo amplo de pesquisa e atuação. É esta complexidade que envolve os diversos espaços em que atuei e as reflexões que aqui faço, que são de um lugar pessoal, mas também de experiências vividas com a família, comunidade, com o movimento social e institutos, uma construção coletiva que vai conduzindo-nos a práticas que causam o religamento entre todos os seres da natureza.

É por ser complexa, que para mim nesta trajetória, a educação em Agroecologia é um espaço de aprofundamento dessas abordagens que aqui destaquei: o problema mineral, a saúde integral, o feminismo a partir de um resgate

do autoconhecimento, autocuidado e os ciclos das mulheres e ainda a retomada do nosso pertencimento como parte do macroorganismo da Terra, nos levando ao religamento ancestral e originário com base no modo de vida camponesa e de um sertão em transição agroecológica.

Na construção da Agroecologia, assumimos o termo etnoagroecossistema para demarcar os agroecossistemas manejados pela diversidade de povos do campo, das florestas e das águas, compreendendo estes sujeitos e espaços capazes de conduzir a nossa busca por práticas inovadoras, harmônicas e solidárias de articulação entre os elementos da natureza, crenças, lutas políticas e expressões culturais. Se a Agroecologia se faz com gente, precisamos pensar nesta ciência como o caminho aos diversos adoecimentos com que nos deparamos e à crise que vivenciamos.

Portanto, ressalto aqui a importância cada vez da universidade ser ocupada por camponesas/es que tenham coragem de escrever suas dores, de construir a Agroecologia como resistência a diversas formas de opressão: a opressão do afastamento forçado da natureza e de nós mesmas; a modos de apropriação insustentáveis da natureza; a falta do nosso direito à terra; à produção de uma alimentação consciente e saudável; a opressão aos conhecimentos das rezas que curam, das plantas medicinais e a opressão imposta aos corpos femininos.

Aqui honro as dores de todas as mulheres que dedicam suas vidas em busca de um novo mundo e são interrompidas pela brutal violência do sistema capitalista patriarcal, como Julieta Hernández, Marielle Franco e tantas outras, pelo simples fato de serem mulheres. E na dor da perda dessas mulheres, aqui agradeço por escrever estas reflexões, em casa, viva, pois a cada vinda e ida para Recife, o medo de viajar só, o medo de ter a companhia de homens na poltrona ao lado da minha, o pavor de andar em ônibus com 42 assentos preenchidos, e no máximo cinco a seis mulheres presentes.

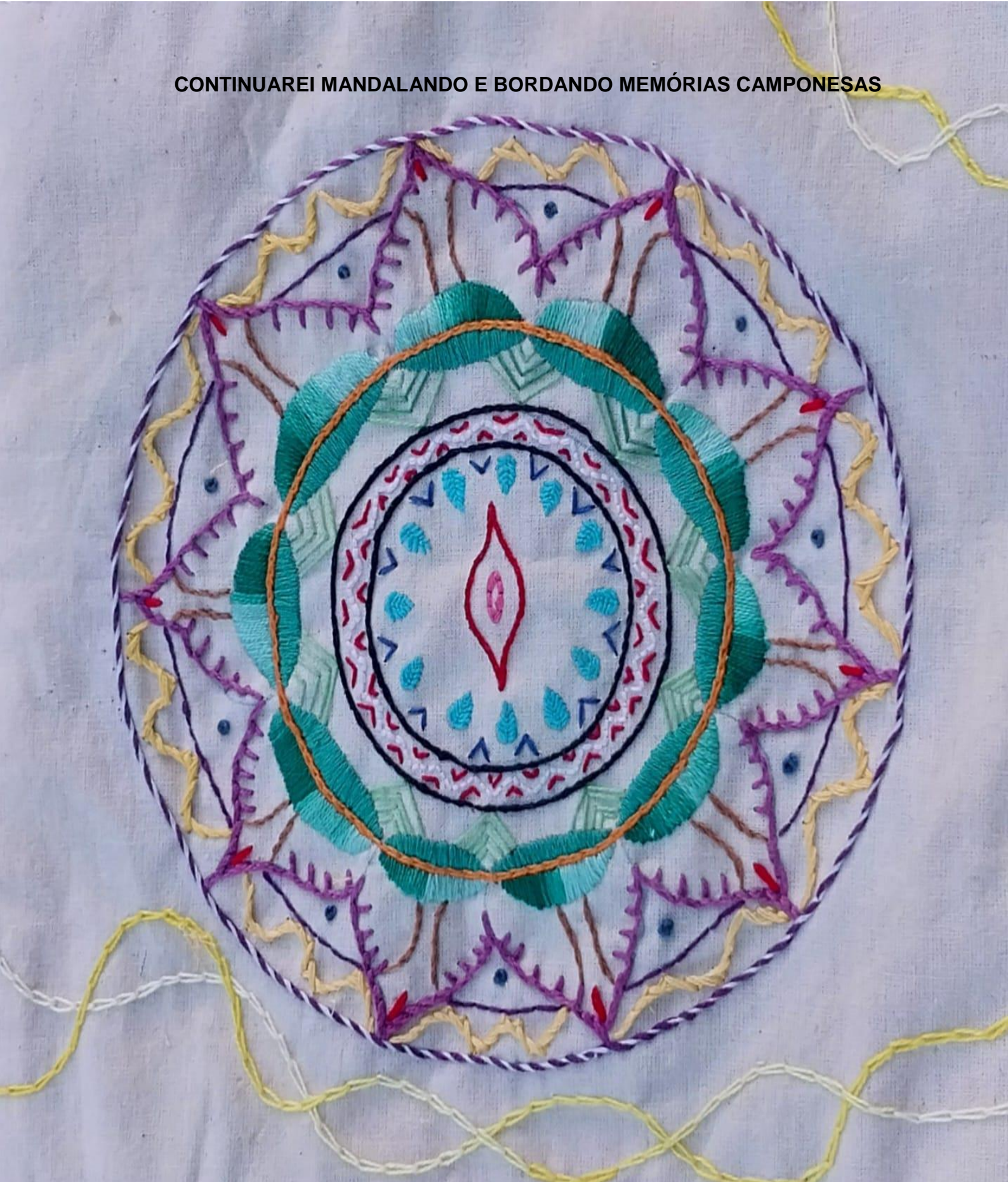
Me vi neste trabalho comprometida com a luta feminista, exercendo o papel de transformar a vida, a partir de ferramentas participativas que nos dão empoderamento e superando o desafio da comunicação. Através da escrita desafio-me a ser formadora de opinião, reconhecendo este espaço como maneira de expressar livremente as ideias de transformação no etnoagroecossistema, do interno ao externo, de curar o quintal, o útero e a ancestralidade a partir das ações políticas, sociais, culturais, econômicas, espirituais e místicas que vivenciei.

Estes aprendizados e reflexões permitem que eu me reconheça como educadora e agroecóloga, que tem como aliado o autoconhecimento para orientar os caminhos da minha atuação como mulher, ajudando outras mulheres a se curarem do silenciamento, do direito a voz, a escolha e a realização de seus desejos, de se curar com as ervas, com os minerais e não apenas com os medicamentos criados por homens urbanos.

Assumir esta trajetória como jovem junto a outros jovens camponeses deste território, me fez perceber a importância de ser sujeitos atuais desse tempo com capacidades criativas de sonhar e construir mundos possíveis com autonomia e liberdade, frente aos problemas do grande capital e reflorestando coletivamente os quintais de nosso território. Diante dessas reflexões, busco seguir o caminho agroflorestal, já que foi na floresta que me encontrei. Busco reflorestar as ideias, as escritas, os quintais e as escolas, de outros jovens e mulheres que teimam em espalhar as sementes nas terras áridas desse sertão, escolhendo a saúde como caminho a percorrer. Como escreve Itamar Vieira Júnior em *Torto Arado*: “se sim ou se não, escreveria os rumos que daria à minha vida num pedaço de papel”. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 108)

Quando escrevia este memorial, percebi que tantas relações vinham da memória desta camponesa que carregou água na cabeça desde criança e da circularidade e/ou espirais feitas tantas vezes com a rudia. Como água que não para, em movimento constante continuarei em busca de caminhos que dão sentido ao meu caminhar. Continuarei em busca de memórias camponesas e a sistematizando em mandalas para melhorar a vida neste Sertão e para que nessa ciranda, mais crianças e jovens que agora tem a água encanada em casa, possam sempre ter acesso a estas fontes de memórias ancestrais que nos conduzem a convivência e a reprodução de um semiárido camponês/a, pulsante e resistente.

CONTINUAREI MANDALANDO E BORDANDO MEMÓRIAS CAMPONESAS



REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Território em Movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília: Relume Dumará, 2004.

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária Elefante, 2016. 258 p. Tradução de Tadeu Breda.

ANDRADE, Naíla. **Mandala Lunar**. Porto Alegre: Mandala Lunar, 2023.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.. 5. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (org.). **Psicologia Sócio Histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez Editora, 2007. 221 p.

CAVALCANTI, Ana; SCANDIUZZI, Beatriz; CAVALCANTI, Clarissa; MACIEL, Julia; VELOSO, Verônica. **CULTIVANDO REDES DE CUIDADO, DAS RAÍZES À COMPOSTAGEM**. Brasília: Cadernos de Agroecologia, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 126 p.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p. Tradução de: Rosisca Darcy de Oliveira.

GÖTSCH, Ernst. **Homem e Natureza Cultura na Agricultura**. 2. ed. Recife: Recife Gráfica Editora, 1997.

KAPLAN, Allan. **O processo social e o profissional de desenvolvimento**: artistas do invisível. São Paulo: Peirópolis, 2019. 260 p. Tradução de: Ana Paula Pacheco Chaves Giogi.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020.

LIMA, Jorge Roberto Tavares, **História, princípios e fundamentos da Agroecologia Movimento, Ciência e Prática**, Recife, 2019, 10 p.

MACY, Joanna; JOHNSTONE, Chris. **Esperança Ativa**: como encarar o caos em que vivemos sem enlouquecer. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020. 247 p.

MANIFESTO da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional à Sociedade Brasileira sobre Comida de Verdade no Campo e na Cidade, por Direitos

e Soberania Alimentar. Brasília: 5º Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2015.

MIRANDA, Lara de Araújo. **O SAGRADO FEMININO E A MULHER CONTEMPORÂNEA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA**. 3. ed. 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia: Cadernos de Agroecologia, 2020.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo: Editora Atica, 1986.
Referência: AGRICULTURA AGROFLORESTAL OU AGROFLORESTA. Recife: Gráfica Única, 2008.

MOURA, Maria da Conceição Dantas; MORENO, Renata Faleiros Camargo. **A INTERDEPENDÊNCIA DAS ESFERAS DA REPRODUÇÃO E PRODUÇÃO NA PRODUÇÃO DE INDICADORES: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES RURAIS NO SERTÃO DO APODI**. Londrina: Dossiê – Métodos e Fontes de Pesquisa em Ciências Sociais, 2013.

RAMOS, Fernando da Silva. **FORMA E ARQUÉTIPO**: um estudo sobre a mandala. 2006. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2009. 274 f. Tese (Doutorado) - Curso de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019. 262 p.
VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo**: um guia prático. Brasília: Gráfica da Ascar, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **RAÍZES HISTÓRICAS DO CAMPESINATO BRASILEIRO**. Mato Grosso: Antena Editora, 1996. 14 p.

ZHOURI, Andréa (org.). **Mineração, Violências e Resistências**: um campo aberto a produção de conhecimento no Brasil. Marabá: Editora Iguana, 2018.